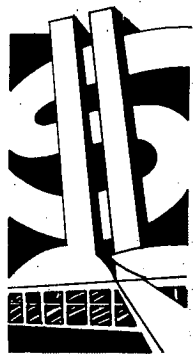


Plenário vazio no último ato da CPI

Nem capintadas, nem representantes da chamada sociedade organizada, poucos parlamentares na plateia. Essa certamente foi a sessão histórica mais



sem prestígio do Congresso Nacional. Nenhuma faixa do lado de fora, nenhum popular no gramado ensolarado. Nem mesmo turistas ou curiosos. Muitos seguranças. Poucos jornalistas estrangeiros se interessaram pela votação do pedido de cassação de um ex-presidente da Câmara dos Deputados e de parlamentares que já tiveram muito poder.

Antes do início da sessão histórica, o grande auditório Petrônio Portela foi tomado por sons de valsas de Vivaldi. Bocejos na leitura cansativa dos volumosos relatórios finais. Até mesmo os membros da CPI abandonaram o auditório logo no início da leitura. "Tem coisa mais hipnótica do que isso?", perguntava o senador José Paulo Bisol (PSB-RS), ao abandonar o auditório.

A única festa foi feita por três ou quatro parlamentares investigados que foram inocentados pelo relator. Ali foram para receber os cumprimentos e palavras de conforto dos colegas parlamentares. Acusado de desviar verbas de subvenção social para sua fundação, o deputado Pedro Irujo (PMDB-BA) foi recebido como verdadeiro herói no plenário. Abraços e cumprimentos por todos. "Estou muito satisfeito. Vivi mais de 90 dias no meio de um tiroteio, sem saber de onde vinham os tiros. Hoje estou tranquilo", comemorava Irujo.

O deputado Geddel Vieira Lima (PMDB-BA), incluído por engano numa lista de parlamentares que teriam seus documentos remetidos ao Ministério Público, foi ao plenário conferir. Saiu saltitante, depois de ser informado que tinha sido inocentado pelas quatro subcomissões e pelo relator geral. "Aqui está meu alvará de soltura. Agora vai acabar a boataria", dizia Geddel, desta vez, sem chorar.

O deputado Eraldo Tinoco (PFL-BA) disse que aproveitou esses 90 dias de investigação para fazer uma profunda reflexão, com uma certa dose de sofrimento pelas notícias publicadas nos jornais e revistas.